

Análise de possíveis dificuldades em apresentar um comportamento empático no discurso de alunos de psicologia numa universidade na cidade de Dourados – MS

BISOGNIN, Bianca Ribeiro(bianca_bisognin@hotmail.com); ROSA, Ana Maria Santos(anamarianantes11@hotmail.com); LOPES, Rosalice (rosalice.lopes@hotmail.com);

INTRODUÇÃO

Genericamente a empatia vem sendo entendida como a capacidade e/ou habilidade psicológica de compreender sentimentos e emoções de outras pessoas, a qual sugere, já a partir desta definição, um movimento que se direciona contrariamente ao que, em sua maioria, as sociedades humanas têm insistido seguir. A empatia é capaz de promover uma visão mais abrangente de nós mesmos e dos outros, como humanos e ainda permitir que aceitemos a realidade de que seres humanos distintos, têm experiências humanas distintas. A palavra empatia já encontrou definições em diferentes campos do conhecimento tais como a Estética, a Sociologia e a Psicologia. No campo da estética seu sentido, derivado da palavra grega *emphatheia*, tem como significado “paixão” ou “ser muito afetado. Segundo Wispé (1986) deve-se aos autores T. Lipps e R. Vischer a descrição de empatia como *Einfühlung*, ou seja, um processo de imitação interna, no qual o observador, ao projetar seu self numa obra de arte, era tomado por um sentimento de admiração e unicidade. No campo da Psicologia, o primeiro autor a tratar *Einfühlung* como sinônimo de empatia foi Titchener em 1909. Para este autor, *Einfühlung* e, portanto, empatia, referia-se à possibilidade de conhecer a consciência de outra pessoa e de raciocinar de maneira análoga a ela por um processo de imitação interna, assim pessoas com um mesmo nível intelectual e moral poderiam compreender umas às outras. Da perspectiva psicanalítica a empatia é uma atitude que vai além da capacidade de se colocar no lugar do outro, diferencia-se da identificação e com destaque à necessidade de incluir nessa ação a escuta benéfica e contratransferência, a empatia implica, necessariamente, autoconhecimento. Compreender o conceito é distinto de atuar empaticamente. Entendemos que ser empático é uma atitude básica de todo psicólogo e verificar se existem dificuldades neste sentido, em estudantes, contribui para se pensar em ações durante a graduação. Se o aluno não (re)conhece e assimila a empatia ao seu comportamento, durante a formação, não podemos esperar que o profissional apresente uma conduta empática no futuro.

METODOLOGIA

A pesquisa sobre empatia, que é base deste estudo, envolveu a participação de 150 alunos de um curso de psicologia na cidade de Dourados – MS, dos quais 112 pertenciam ao sexo feminino e 38 ao masculino e a idade média dos participantes, 21.85 anos. Dentre os respondentes, 109 (74%) eram do estado do Mato Grosso do Sul e 25% distribuídos pelas diferentes regiões do país.. Da amostra 35 alunos (23%) eram do segundo semestre (primeiro ano), 31 (21%) do décimo semestre (quinto ano), 30 (20%) do sexto semestre (terceiro ano), 28 (19%) do oitavo semestre (quarto ano) e 26% (17%) do quarto semestre (segundo ano). Dos 150 participantes, 138 (92%) afirmaram ser o curso de Psicologia sua primeira graduação e 12 (8%) a segunda. Os dados apontam que esta universidade atende predominantemente as demandas do próprio estado, com um número menor de alunos vindos de outros estados do país. Do grupo total de participantes foi organizada uma amostra de 30 alunos que seriam entrevistados individualmente para responder a um questionário semidirigido, que tinha por objetivo aprofundar algumas questões sobre os significados de empatia, conduta empática, dentre outras, além de possibilitar a inserção de novas questões para esclarecimento caso fossem necessárias. Neste trabalho foram entrevistados 15 acadêmicos, selecionados aleatoriamente dentre os voluntários, mas buscou-se manter um grupo que apresentasse equilíbrio em termos do gênero (masculino e feminino), assim como manifestação quanto ao conhecimento do conceito de empatia, assim tivemos entrevistados que conheciam o conceito de empatia, outros que conheciam superficialmente e outros que não conheciam. No total foram entrevistados quinze acadêmicos do curso de psicologia, sendo eles: uma aluna estudante do 2º semestre, cinco alunos estudantes do 4º semestre, 03 alunos estudantes do 8º semestre e seis alunos estudantes do 10º semestre.

RESULTADOS

De modo geral os entrevistados consideram que é importante uma pesquisa sobre o tema e ele é importante para o curso, pois desenvolver essa competência no curso é importante para a prática profissional. No entanto, apenas dois deles afirmaram que buscaram conhecimento adicional após responderem o questionário. Dois informaram que continuaram com seus conhecimentos e os demais que refletiram apenas nas oportunidades em que o tema foi abordado em alguma disciplina na sala de aula. Quando questionados sobre as dificuldades de serem empáticos em uma dada situação da vida pessoal ou nas atividades acadêmicas, os que já tinham se formado – estes responderam o questionário inicial no 10º semestre – afirmaram que as maiores dificuldades de serem empáticos estava relacionada à esfera da moralidade, ou seja, situações que envolvessem a mentira, discriminação e preconceito. Neste sentido percebe-se que apresenta certa confusão no entendimento do conceito de empatia, o qual tomam como sinônimo de aceitação, ou seja, para eles manifestar uma conduta empática é sinônimo de aceitar tudo que o outro faz, mesmo quando isso fere seus valores morais. Todos concluem neste sentido que a dificuldade de ser empático pode atrapalhar a relação com a clientela e, portanto, desaprovam sua ausência na prática profissional. Nesta linha de raciocínio, todos os alunos entrevistados reconhecem a importância da empatia no atendimento psicológico e cada um, ao seu modo, acreditam que ser empático não é uma atitude restrita aos psicólogos, mas também a outras profissões, pois favorece as relações interpessoais, fortalece o vínculo e a manutenção de um ambiente acolhedor. Segundo afirmam a empatia e o comportamento empático são fundamentais para que o profissional não atue a partir de seus próprios julgamentos morais, embora possa ser difícil desenvolver tal competência.

CONCLUSÃO

Analisando o conteúdo do material obtido nas entrevistas individuais foi possível concluir que todos reconhecem a importância da habilidade de ser empático para a profissão de psicólogo, como essa habilidade favorece na construção de um ambiente acolhedor e o quanto isso é importante na formação e estabelecimento do vínculo com o paciente. Sendo assim a empatia é algo que deve ser discutido dentro do ambiente acadêmico para que se amplie a noção do conceito de empatia e também para que, ao se compreender melhor o conceito de empatia, se desenvolva com maior afinco a habilidade de ser empático, sendo essa uma característica fundamental para a formação de um bom profissional da área da psicologia. Em relação ao conceito de empatia, ao analisar as respostas fica claro o quanto se mistura a noção de empatia com valores morais, destacando e justificando assim a dificuldade apresentada pela maioria dos alunos em serem empáticos com outras pessoas quando as mesmas apresentam comportamentos ou atitudes que ferem seus valores morais, pois os alunos parecem confundir o comportamento empático com a necessidade de aceitar tudo o que o outro faz, independentemente de isso ser certo ou errado. Dessa forma a empatia se confunde com aceitação, o que é um equívoco, pois a empatia está ligada a compreensão, portanto podemos compreender e não aceitar um dado comportamento. Assim, os resultados obtidos até o momento junto a este grupo de alunos de Psicologia revelam certo descaso no trato do conceito de empatia ao longo do curso e a necessidade de uma sistematização mais cuidadosa ao longo da formação dos psicólogos desta universidade. A aprendizagem assistemática e a ausência de diálogos produtivos sobre os conceitos de empatia e comportamento empático não é capaz de produzir o desenvolvimento de habilidades e competências desejáveis acerca da possibilidade do profissional se mover em direção da compreensão profunda de outros seres humanos



Realização:

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

UEMS
Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul

Parceiros:

CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico